

JORNAL DE MELGAÇO

Proprietario e editor, DEANTE A. DE MAGALHÃES

Leído

Aos nossos assignantes em divida pedimos a fineza, que desde já agradecemos, de nos enviarem a importancia dos seus debitos em vales do correio ou sellos postaes até ao dia 31 do corrente mez sem falta. Todos comprehendem quanto a empenha carece de meios n'esta occasião para fazer honra aos seus compromissos.

A direcção é Duarte Augusto de Magalhães.

Melgaço.

VENHA MAIS

O governo prepara-se para o grande golpe. Não deixa pedra sobre pedra, e assim cumpre a sua ameaça, o governo sabe o que tem a fazer!

Está a montar a machina pa-

(3) FOLHETIM

ALUVA

(CONT.)

Então o genio da viscondessa modificou-se sensivelmente.

Tornou-se irascivel, caprichosa, impertinente e desabrida, mudança esta tanto mais sensível quanto mais, quanto mais o marido redobrava junto d'ella suas attentões e desvelos.

Ao principio o visconde começara por ser-lhe pesado, depois importuno, depois aborrecivel e por ultimo intoleravel.

Ao vel-o, sentia-se presa d'uma commoção nervosa, que só se acalmava em presença de Carlos.

Foram consultados os medicos. Os sabios galenos verificando que a viscondessa estava no seu estado interessante, foram accordes em

ra o ataque decisivo, e não esquecer tropelia, e não desprezar attentados que tudo lhe servem para o seu desgraçadissimo plano.

E então procura enganar os simples, os boecios com umas medidas espalhafatosas, que nenhum proveito trazem á administração publica, e que trazem no ventre o damnado proposito, de só servirem de arma politica contra os seus adversarios, contra quem levantar a voz e condemnar os desmandos de um governo prepotente e perigoso, que prefere amortallar a coroa nos farrapos da sua louca vaidade, antes que largar o poder que elle explora tão brutalmente e tão vergonhosamente.

E só para isso, com o fim de montar a machina, que o governo atira para o Diário com os seus decretos absolutistas e farranços. E com um despejo e descaramento nunca vistos.

Modifica a contribuição industrial, — mas só para Lisboa, Porto e Villa Nova de Gaia. Não que Lisboa e Porto mettem medo!

As outras terras do reino que paguem com lingua de palmo, não pancadaria para o lombo.

E' até onde pode chegar o desatino.

O governo não lhe tremeu a mão, quando assignou aquelle decreto em que confirmou a sua exauctoração e a falta de tudo, — que é indispensavel a qualquer homem de estado.

Quiz illudir e serenar Lisboa e Porto — com umas modificações que não satisfazem a ninguém, porque a verdade é que a contribuição industrial precisa d'uma funda remodelação, que não póle limitar-se a simples brincadeira de mudar d'aqui para ali, e d'aqui para acolá uma outra classe, conforme as conveniencias do ministro, dos

que se declarara uma violenta crise nervosa, especial que acabaria com o periodo da gravidez.

— Mas ella parece odiar-me lastimava o pobre visconde.

— Não se admire V. Ex.^a, respondiam os doutores,

Os annaes da sciencia citam numerosos casos de mulheres que odeiam os maridos quando se encontram gravidas.

— Ah, mas isso é uma fatalidade, disse o visconde doloridamente.

— Tenha paciencia, meu caro; e os galenos guardavam os oculos e sorriam.

Naquella noite a viscondessa appetecera-lhe ir a S. Carlos.

Cantava uma contralto celebre e ella queria ouvi-la.

O visconde ficára um tanto contrariado.

Devia uma desforra de *carte* ao marquez de *...* e promettera

parentes do ministro e mesmo das affeições do ministro.

Montar a machina é o unico objectivo do governo.

E é ainda para isso que elle decreta que se não façam mais estradas, — *senão as que convier aos seus amigos!*

E que decreta umas prescripções ácerca dos funcionarios publicos. — *para mais á vontade perseguir os que lhe forem adversos!* E' para, isso, e para nada mais.

E decreta tudo quanto lhe vier á cabeça, e lhe deitar o mau instincto. E o rei, que não é para cousas tão pequenas, anda ás galinholas.

Está no seu tempo. Oxalá que não tenha de que arrependerse.

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 23 de dezembro

Chovem milheiros de boatos de todas as partes, uns com seus visos de verdade, e outros tão asnaticos que nem vale a pena reproduzil-os.

Diz-se que o snr. ministro do reino trabalha activamente na reforma eleitoral, encontrando muitos embaraços para a execução da lei de incompatibilidades.

Será este o momento proprio e opportuno para publicar uma lei eleitoral?

Os animos parecem-nos excitados demais para a poderem receber de uma forma lisongeira. As difficuldades hão surgir, e não em pequena dose:

O adiamento das camaras produzia, é incontostavel, um grande reboliço por esse paiz fóra.

Para que se ha de mexer n'isso.

Dizem que o governo deseja

dar-lh'a n'essa noite. Demais a viscondessa ha dias que andava muito incommodada, com alguma febre e ella receiava que o calor da sala lhe fosse prejudicial.

Ella porém insistiu.

O visconde escreveu ao marquez convidando-o a continuarem a partida depois de acompanhar a viscondessa a casa, e foi para S. Carlos.

Um pouco antes de acabar o ultimo acto Carlos retirou-se.

— Não nos acompanha? disse-lhe o visconde.

Não; estou um pouco constipado e vou para casa.

Os olhos da viscondessa scintillaram de alegria, e quando se despediu do amante as suas phalanges delicadas apertaram as d'elle com uma pressão enorme.

O visconde como bom marido que era, acompanhou sua esposa a casa e pediu licença para ir ao gremio dar ao marquez a prometida desforra.

D'horah correu rapidamente aos

impedir a entrada no parlamento a algumas pessoas de reconhecida influencia no partido progressista, e que a reforma será feita por maneira tal, que, só sairá deputado quem o governo quizer.

Não acreditamos tal cousa. O governo regenerador ha de amanhã cair, e não lhe póde convir que o partido que o substitua tenha nas mãos armas tão poderosas. Isto é logico.

Diz-se tambem que lavram grandes dissidencias no partido regenerador por causa das nomeações para a companhia real. E' mais facil acreditar este do que o outro bosto. A posta é gorda e os pretendentes eram muitos.

Que tenham pois paciencia.

— Ha dias appareceram no «Diario do Governo» seis decretos de *...*

Segundo diziam, não ficava pedra sobre pedra n'este paiz. Afinal, o diabo não era tão feio como o pintavam, aquelles diplomas, são a meu ver, perfeitamente inoffensivos.

Apenas ha um que magoa alguns — o da contribuição industrial.

Quanto aos outros, só os podemos considerar como platonicas.

Muito palavrão, muita ameaça, muita penna... no papel, e nada mais.

Persuado-me, mesmo, que os proprios ministros que o referendaram não estão convencidos dos seus beneficos resultados.

A época já não está para isso. Todos tem os olhos abertos, e 1893 espalhou um grande raio de luz sobre o mundo inteiro.

Convençam, illustrem, ensinem, eduquem, mas não ameacem!

Todos ali sabem que actualmente ás ameaças se responde

seus aposentos onde se encontron no *...* com Carlos e não lhe disse que o marido tinha sahido.

Naquella noite o visconde estava em sorte. Por mais que quizesse ser generoso para com o marquez este perdia sempre.

Em torno dos jogadores reuniram-se um grande numero de amigos de ambos, interessados n'aquelle capricho da sorte, onde o marquez perdera já tres contos de reis.

Anda cá Carlos, anda cá, disseram alguns amigos para o tenente que entrava, anda ver como o teu amigo está hoje feliz.

O visconde levantou os olhos e fitou Carlos que se fez pallido.

— Assim é que tu foste para casa, maroto, disse elle sorrindo-lhe com benevolencia.

Carlos não respondeu.

(Continua)

com um encolhimento de honras.
O tempo dos papões já lá vai e não volta, e ainda bem que assim succede.

Não sou pessimista, e apesar de ultimamente ter visto casos extraordinarios não me persuado que isto vá para o fundo tão rapidamente como alguns querem.

Um dos decretos estabelece uma medida leonina, mas que, segundo a opinião de muitas, não pôde ter execução. Diz-se n'esse diploma official que se reduzirão 50 p.º os ordenados dos empregados addidos. Ora, effectivamente a quantia que o Estado gasta com elles é enorme, (770 e tantos contos annualmente) mas isto não é rasão sufficiente para se arrojarem á lama e á miseria centenares de cidadãos portuguezes, que toda a vida tem trabalhado em beneficio do estado, e que não tem culpa alguma de um ministrio disparatado estar para ali a vomitar reformas ainda mais disparatadas, em virtude das quaes elle, que era empregado effectivo, passou a ser addido.

Como quer o governo que um empregado publico viva hoje em Portugal com 150, 180, ou 200:000 reis mesmo?

Os ministros não podem viver com menos de 3:000:000 reis annualmente, mas 150 ou 200\$ reis são quantias sobejas para matar a fome a um pobre diabo qual quer, que em vez de ir para o Brazil arranja um emprego publico julgando que encontraria ali fartos meios de subsistencia.

Dá-se a liberdade, é verdade, ao empregado, mas, não me dirão para que isso lhe serve?

Vão trabalhar em que?

Com 30 ou 40 annos de serviço publico pôde ter-se habilitação ou competência para qualquer serviço differente d'aquelle em que o individuo foi educado, e no qual trabalhou por tão largo espaço de tempo?

Por certo que não.

Se fosse adiante tão absurda ideia, o futuro do empregado publico, em Portugal, seria a mendicidade.

Mas Deus Nosso Senhor hade metter n'isto tudo as suas benditas mãos, e então podemos dormir descansados, o...

Até á semana.

Theophilo.

FACTOS DA SEMANA

Medida acertada.

Cá estamos no nosso campo. Não pouparamos censuras, mas também não regateamos elogios, quando são merecidos.

A digna vereação da camara municipal d'este concelho deliberou, segundo nos consta, dispender apenas annualmente a quantia de 300:000 reis com os subsidios de lactação.

Não podemos deixar de ap-

plaudir tão razoavel e justa deliberação.

Tinha-se abusado muito, e era necessario que se acabasse de vez com os abusos.

Conhecemos por ali *menina* que, depois de quarta e quinta *fragilidade*, ainda recebia da camara o subsidio, que sómente se deve dar áquellas que foram victimas de uma desgraça, e não tiveram forças para resistir á sedução.

Agora cinco e seis seducções é forte!

O municipio estava sobrecarregadissimo, e a immoralidade, a nosso ver, augmentava com a facilidade que havia em conseguir o subsidio. O nosso concelho não está em condições de pagar 500:000 reis a tanta mulher... honesta, que teve cinco e seis fragilidades!

Uma, e já basta.

Applaudimos pois com toda a sinceridade o proceder da camara.

Já vêem que n'aquillo que é razoavel estamos ao seu lado, mas quanto aos cães... os cães são os nossos peccados!

Julgamentos. — Tribunal de Melgueiro.

No dia 20 do corrente mez responderam em audiência de policia correccional, n'esta comarca, os seguintes réos == 1.º Miguel Costas, do Viso, freguezia de Chaviães, accusado do crime de ultraje á moral publica.

Foi condemnado na pena de 10 dias de prisão podendo substituir sete por multa a 1.000 reis por dia, multa de 15 dias a 300 reis, diarios, custas e sellos do processo. == 2.º Manoel Francisco Exposto (o Gato), de Crastos de Paderne, accusado do crime de offensas corporaes. Foi condemnado na pena de 4 dias de prisão, substituíveis por multa a 500 reis por dia, custas e sellos do processo. == 3.º Lina Thoresa Esteves Conde, do logar de Alcobaca, freguezia de Fiães, accusada do crime de offensas corporaes.

Foi condemnada na pena de 3 dias de prisão, substituíveis por multa a 500 reis por dia, custas e sellos do processo.

Vistoria.

Começou no dia 21 do corrente mez a segunda vistoria na estrada de S. Gregorio.

Quando acabará aquillo?
Que estopada!

La z.

Na noite de 21 para 22 do corrente mez, ás 11 horas da noite, já não estava acceso um unico candieiro da iluminação publica d'esta villa, apesar da noite estar escurissima.

Não poderá alguém dar sobre este caso as devidas providencias?

Despacho de fazenda.

Foi apresentado escripto de fazenda no concelho de Lagoa (Ponta Delgada) o nosso amigo, sr. Antonio Manoel Lopes, ultimamente addido á repartição de fazenda do districto de Bragança.

D'aqui felicitamos o nosso amigo.

Diz o nosso presado collega «O Povo Espozendense»:

Cholera no Brazil.

Escrive-nos um nosso amigo o estimavel assignante.

Ao principiar esta carta, caro Vieira, sinto um abalo atrozmente doloroso em meu corpo.

Como sábes, eu estou distante da cidade do Rio de Janeiro, em uma pequena povoação denominada «Volta Redonda», e é por isso que não tenho visto os milhares de victimas que a maldita febre amarella sempre annualmente arrebatou. E como não tenho sido testemunha ocular d'esses fataes acontecimentos, nunca imaginei que a vida dos povos estivesse sujeita a tantos flagellos.

Porque não é só no Rio de Janeiro que grassam com intensidade as molestias, que, como sempre, levam a desgraça a todos os lares e a orphandade e viuvez a todos aquelles que viram partir, mar em fóra, os seus cáros paes e os seus chorados esposos.

Aqui tambem se vêem casos identicos, noticias verdadeiramente aterradoras, e sobretudo, o que se péde chamar «fataes acontecimentos».

Durante o tempo da revolta sempre hoaveram mais ou menos desgraças a lamentar; já originadas pelas metralhadoras dos contendores, já pela enraizada molestia da «febre amarella».

O registro mortuario durante a contenda foi enormissimo, mas ainda assim era uma coisa tolerada por todas as pessoas que estão a pár do clima e jámais das que tem sido testemunhas, durante muitos annos, das grandes perdas de pessoal que aquella cidade — «perfeito colloco de habitantes» — soffre nas estações de calor.

Porém, hoje, não acontece isso; não se trata de febre amarella mas sim do horrivel cholera-morbus, que tem fulminado centenas de pessoas.

Foi nas visinhas cidades de Rezende e Cachoeira que principiou a desenvolver-se a molestia, e, d'ahi, a transportar-se para as pequenas povoações visinhas, como Campo Bello e outras. E note-se:

Ha menos de oito dias.

A estrada de ferro Central tem impedido o tranzito de passageiros, não deixando communicar com as estações atacadas do terrivel micróbio.

A companhia de hygiene tem se esfoçado e emprega todos os meios para debellar a epidemia,

tendo até, para isso consultado os clinicos mais entendidos da Capital.

Em todas as estações são dezinfectados os passageiros com acido phenico, assim como as respectivas bagagens. Os empregados da mesma estrada continuam em um serviço verdadeiramente insano, abriado vallas, aterrando chárcoos e dezinfectando com chloreto de cal os logares mais insalubres.

Mas nem assim tem conseguido coisa alguma, porque segundo se propala por aqui, o numero mortuario é de vinte a trinta diariamente.

A atmosphéra está d'uma fórma que bem demonstra trazer em si o inimigo da humanidade.

Por este motivo receia-se que hajam noticias mais aterradoras e maior dezevolvimento do micróbio.

Sabe-se que a companhia de hygiene trabalha incansavelmente, mas o que se não sabe é se poderá atalhar o terrivel mal.

É verdade que dispõe de grandes elementos; taes como a interrupção na L. de F. o muito chloreto de cal que em todas as estações manda collocar, o muito acido phenico que dispõe para dezinfectar passageiros e respectivas bagagens.

Na visinha cidade de Barra Mansa está prohibida a venda de cartões até «Cachoeira», ou antes até á 1.ª estação que communica com os logares infectos.

Os periodicos da capital estão calladinhos e parecem até que ignoram estes acontecimentos.

É de suppor que o cholera-morbus seja importado pelos milhares de emigrantes que ultimamente tem chegado, e a ser assim tambem é de suppor que elle não dezevolva tão rápido como se o fóra ou estivesse localizado.

São estas as esperanças de todos; mas Deus é superior aos homens.

O «Jacobino» tambem nada tem fallado a tal respeito. Creio que o motivo de seu silencio é produzido ou motivado pelo seu redactor — Chefe «Dioleciano Martyr» ter receio de que o micróbio lhe contamine a perna que ainda lhe resta.

É bom tambem que elle não tenha papas na lingua para estas coisas.

Quando appareceu em Lisboa a cholera, não havia mais que fallar aqui em desabono dos portuguezes: mas bem depressa encontraram a retribuição.

A. C. E.

Natal dos pobres.

Foi mandada distribuir pelos pobres d'este concelho uma esmola de 100:000 reis, remetida do Pará pelo nosso benemerito compatriota, sr. João Pires Teixeira e por este obtida por subscrição

entre os nossos queri los conaterra-
neos ali residentes sob o pretexto
de rifa de um seu harmonium.

Não temos palavras com que
possamos exaltar uma acção tão
meritoria e que bem denota os
sentimentos altruistas dos nossos
presadíssimos patriotas, que longe
da sua terra natal se lembraram
de enxugar muitas lagrimas e mi-
rigar muita fome.

Limitamo-nos perisso a rela-
tar o facto, e, em nome da pobreza
d'este concelho agradecemos a
valiosissima offerta.

As «Independente».

O collega não tem pernas ou
anda sempre de carruagem?

Só em qualquer d'estes casos
se pôde explicar a sua força de
ânimo em frente dos cães.

Collega, não lhe podemos di-
zer, ao certo, onde fica o Inferno,
mas ali, em Monsão, onde ha tan-
to padre, poderão facilmente illuci-
dai-o sobre tão intrincado assum-
pto.

E, logo que o collega appare-
cer onde fica o Inferno, diga como-
co e com todas as forças dos seus
pulmões. — Vão os cães para o
Inferno, bem como os seus dignos
e illustres protectores.

Artigo

E' do nosso presado collega
«O Progressista», de Braga, o ar-
tigo edictorial que, com a devida
venia publicamos n'este numero.

Tornou a torrar.

A musica velha, d'esta villa,
que ha mais de um anno dormia o
sonno dos justos, despertou, n'es-
tes ultimos dias fazendo-se ouvir
os seus maviosos sons no logar de
Galvão de Cima, proximo do cemite-
rio publico.

Appoiamos a resolução toma-
da, e praza aos céus seja por mui-
tos annos.

Ávante pois.

Regresso.

Regressou no dia 21 do cor-
rente mez a Melgaço, o nosso ami-
go sr. Domingos Ferreira d'Ara-
ujo, que fóra ha dias ao Porto,
acompanhar seu presado mano,
nosso excellent amigo, sr. Gar-
vasio Ferreira d'Araujo na occasi-
ão do passamento de seu estreñe-
cido filhinho Horácio Ferreirad'A-
raujo.

Este cavalheiro e sua esposa
vieram, na companhia d'aquelle
nosso amigo para esta villa, pas-
sar alguns dias no meio da sua fa-
milia, tendo recebido de todos os
habitantes de Melgaço, inequivo-
cas provas de consideração e esti-
ma.

Do nosso estimavel collega
«Independente», de Monsão, trans-
crevemos a seguinte local:

Demissão.

Pedi a demissão de agente
da Companhia de Tabacos, o sr.

Julio Augusto de Passos Almei-
da, de Melgaço, por não se confor-
mar o seu genio e a sua indole,
com o serviço da companhia.

Na realidade! Um artista dis-
tincto como é o sr. Passos, um
«virtuoso» de superior talento, um
bom rapaz, ser obrigado a «camar-
adar» com toda a classe de «carre-
bentados» que a companhia tem
no seu serviço, como espiões e de-
nuñciantes obnoxios, não cabe nas
regras do possível.

Correctamente procedem o sr.
Passos e por isso os nossos elogios
e de todos aquelles que o conhe-
cem.

E fiquemos por aqui.

Recibo importante.

As auctoridades de Vigo pe-
diram ás auctoridades portugue-
zas a captura de tres hespanhoes
suppostos auctores d'um impor-
tante roubo praticado na noite de
16 para 17 do corrente em um
estabelecimento commercial per-
tencente aos snrs. Castro & Com-
panhia. Consta o roubo de trinta
mil pezetas em ouro, onze libras,
trez mil pesetas em prata, tres
mil bilhetes do Banco de Hespa-
nia, cento e cincoenta pezetas em
meios duros Philipinos e um sacco
com varias moedas estrangeiras.

Consta-nos que os ladrões já
forão presos em uma casa proxima
de Gailheres. São tres homens
e duas mulheres.

Diz-se que foram prezos por
indicação dada pela policia do
Porto.

BOLETIM ELEGANTE

Fazem annos:

Subbado—a ex.^{ma} sr.^a D.
Maria Gertrudes Gonçalves da Ro-
cha.

Segunda feira—a o sr. Au-
gusto Cesar Ribeiro Lima.

Tercia feira—o sr. Viriato
Luso Augusto Ferreira.

—Regressaram a esta villa:
do Porto, as ex.^{mas} sr.^{as} D. Florin-
da da Gloria dos Santos Lima e
D. Emilia de Barros, e os illustra-
dos academicos, snrs. Antonio da
Silva Tavares, Antonio Philippe
de Barros e Arthur Pires Teixei-
ra.

De Coimbra, os snrs. Augusto
Cezar Ribeiro Lima e Victoriano
da Gloria Ribeiro de Figueiredo
e Castro, distinctos quartanista de
direito e quintanista de medicina.

De Vianna, os snrs. Antonio
Xavier Ribeiro de Figueiredo e
Castro e José Albano Pires.

—Foram passar as festas do
Natal: a Vianna, o ex.^{mo} sr. dr.
Manoel Felix Mancio da Costa Bar-
ros digno administrador d'este con-
celho; a Ponte do Lima, o sr.
Antonio Severo de Freitas, intel-
ligente escrivão e tabelião do juizo
de direito d'esta comarca; e a
Monsão o sr. José Joaquim da

Costa Guimarães e Bento Fernan-
des Pinto.

—Tem sentido algumas me-
lhoras, o nosso amigo sr. Antonio
Pires Teixeira.

Estimamos.

—Esteve n'esta villa tendo já
regressado á sua casa, em Pias, o
sr. Gregorio Francisco de Bet-
tencourt Pitta.

—Foi ha dias a Monsão o sr.
Caetano José Nunes d'Almeida.

—Tem passado bastante in-
comodada, a ex.^{ma} esposa do sr.
Victoriano da Gloria Ribeiro de
Figueiredo e Castro.

Desejamos-lhe promptas me-
lhoras.

—Partiu para S. Gregorio, a
ex.^{ma} sr.^a D. Deolinda Gomes
Vianna,

—Partiu para Orense, a ex.^{ma}
sr.^a D. Herminia Augusta Bayão
acompanhada de seus filhinhos.

—Tem passado leve-
mente incomodado o menino
Luiz Boaventura Rodrigues, estre-
meado filho do nosso amigo e as-
signante, sr. Manoel Boaventura
Rodrigues, actualmente residente
no Brazil.

Fazemos votos pelo seu com-
pleto restabelecimento.

—Regressou á sua casa dos
Rapoços, em Prado, o nosso ami-
go, sr. Julio Augusto Passos d'-
Almeida.

—Vieram passar as festas do
natal com suas familias, os snrs.
Julio Celestino Gonçalves, de Chris-
toval, e Manoel José Domingues,
de Castro Laboreiro; José Maria
Alves, de Alcobaça, Francisco Ma-
noel Lourenço, de Paderne, Clau-
dino Joaquim Rodrigues, de S.
Martinho, Antonio de Castro, de
Paços, e Francisco Fernandes, tam-
bem de Castro Laboreiro, estadi-
osos academicos do Seminario de
Braga.

—Esteve n'esta villa, onde
passou a noite de Natal, o sr. Ma-
noel de Jesus Paga, digno rece-
bedor da comarca de Monsão,
acompanhado de sua ex.^{ma} esposa
e filhinhos.

—Regressou a esta villa, o
ex.^{ma} sr.^a D. Camilla Augusta
Pedreira.

JONAL DE MELGAÇO

Preço da assigna-
tura, por anno: 1:000
reis. Numero avulso
40 reis.

Publicações, por
folha 30 reis. Outras
publicações contracto
especial.

Ultramar 2:000 rs. — Brazil 3:000 reis

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'es-
ta comarca de Melgaço e
cartorio do terceiro officio,
corrêm editos de trinta dias
citando D. Constança d'Aze-
vedo, viuva, por si e como
representante de seu filho
menor, e bem assim todos os

credores e interessados incer-
tos e legatarios desconhecidos
para dentro d'aquelle pra-
so, a contar do ultimo annun-
cio que for publicado na fo-
lha official, fallar a todos os
termos até final, no inventa-
rio orphanologico a que se
procede por obito de Victori-
na Rosa Gomes de Souza,
viuva e em que é cabeça de
casal Candida de Jesus d'A-
raujo Azevedo, viuva do lu-
gar da Pigarra, freguezia
d'esta villa.

Melgaço, 20 de dezembro
de 1894.

Verifiquei (102)

O juiz de direito, *A. Garrido*
O escrivão interino
Alberto A. da Silva Tavares.

Comarca de Melgaço

No juizo de direito d'es-
ta comarca, e ao 2.^o officio,
foi distribuida uma acção or-
dinaria sobre montados de
Cubalhão e Lamas, proposta
por José Joaquim Rodrigues,
mulher e outros, da freguezia
de Cubalhão, José Esteves
Valenciano, mulher e outros,
da freguezia de Lamas de
de Mouro: pelo presente são
citados os reus José Esteves
Valenciano, Manoel Rodri-
gues Senra, Manoel Domi-
ngues Neta, Antonio Domi-
ngues Clemente e José Perceira
Touça, da freguezia de
Lamas de Mouro, e auzentes
d'esta comarca, em parte in-
certa, para fallarem a todos
os termos da mesma acção,
devendo esta citação ser ac-
cusada na segunda audiencia
d'este juizo depois de passa-
dos 30 dias a contar do se-
gundo annuncio na folha offi-
cial, declarando-se que as au-
diencias n'este juizo se fa-
zom ás segundas e quintas
feiras de cada semana não
sendo impedidos, porque sen-
do-o, serão nos immediatos,
por 10 horas da manhã no
tribunal d'esta comarca.

Melgaço, 12 de dezem-
bro de 1894.

Verifiquei

O juiz de direito *A. Garrido.*

Loja Nova do Cantinho

LARGO DO CHAFARIZ
MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho), proprietario d'este novo estabelecimento, convida o respeitavel publico a que visite esta recente casa de negocio, onde encontrará variado sortido d'objectes da mercearia, fazendas, louças, ferragens, papellaria, calçado, e mais artigos de commercio. por miudo, os quaes se vendem por preços modicos, em cuja occasião analizarão o bom gosto, inexcédível limpeza e acieio dos mesmos. (82)

LOJA NOVA

DE

Antonio Joaquim Esteves

MELGAÇO

O proprietario d'este muito conhecido estabelecimento participa a todos os seus freguezes, e ao publico em geral, que recebeu um grande sortido de pannos crus, que vende a 60, 70, 80 e 100 reis; um completo sortido de riscados a 50, 60 e 70 reis; grande variedade de cotins a 80, 90 e 100 reis, cazemiras, picotinhos, meias camizolas e muitas outras miudezas, tudo mais barato do que na Galliza.

Vender muito e ganhar pouco é o systema adoptado na Loja Nova do Esteves.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ANTIGA CASA DO RAINHA

Praca do Commercio

MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (O CANTINHO), successor do antigo negociante «Rainha», não pode deixar de orientar os seus freguezes, que este antigo estabelecimento continua a gosar os bons creditos que sempre gosou de «BARATEIRO», para o que podem experimentar e verão a verdade do que se annuncia. (83)

Ver e crer como.....

MACHINAS



DE COSTURA



MEMORIA

Jeronymo F. de Barros tem no seu estabelecimento as celebres machinas de costura

MEMORIA

as quaes lhe são fornecidas por JOSÉ M. DA GAMA, de Ponte de Lima, a quem foi dado o exclusivo de venda n'este districto.

As machinas de costura MEMORIA são o que ha de melhor e mais barato que até hoje tem apparecido no mercado, pela solidez do material pelo silencio do trabalho e pela justa adopção de suas peças, o que as torna muito mais duraveis.

Machinas a
4:500, 11:000, 16:000, 22:500, 32:000, 40:000 rs. e mais
preços.

Importante deposito de BICYCLETES
de borrachas massicças, ôcas e
Pneumaticas

as mais elegantes, melhores e mais baratas que se fabricam

Fazem-se concertos — ha peças avulso — e accitam-se machinas usadas em troca.

Vendas a dinheiro e a prestações.

ENSINO GRATIS

JERONYMO FERNANDES DE BARROS-MELGAÇO

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

CONTRA FOGO

UNICO representante em Melgaço, Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho). (80)

MACHINAS DE SINGER (PARA COSTURA)

As melhores até hoje conhecidas.—A prestações semanaes. Grandes descontos a prompto pagamento. Vende-as em Melgaço, o seu representante.

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho). (81)

Na officina de composição e impressão do jornal O ALTO MINHO, em MONSÃO.

12-Rua de S. Francisco-24